

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana
2003

MARIA ANTÔNIA VENTURA DE PAULA

MEMÓRIAS DA MEDICINA POPULAR, EM MARIANA

Monografia apresentada
ao Curso de História da
Universidade Federal de Ouro
Preto como parte dos
requisitos para a obtenção do
grau de Bacharel em História.
Orientador:
Dr. Ivan Antônio de Almeida.

**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**

Mariana

2003

INDÍCE

1. INTRODUÇÃO	02
2. CULTURA	04
2.1. CULTURA POPULAR	05
3. MEDICINA POPULAR	11
3.1. MEDICINA ALTERNATIVA	19
4. MEMÓRIAS DA MEDICINA POPULAR, EM MARIANA	26
4.1. RELAÇÃO DE PLANTAS	31
5. CONCLUSÃO	34
6. BIBLIOGRAFIA	37

1. - INTRODUÇÃO

Ao longo da minha infância pude observar que minha avó, Silvina Ferreira, nascida em Gandarilho, pequena localidade do município de Mariana, fazia uso constante de uma enorme variedade de ervas medicinais para os mais diversos males.

Ela sempre deixava claro que aprendera com sua mãe e fora acrescentando sempre mais a esse prévio conhecimento.

Manifestava uma "fé" nesses remédios e chás que a todo instante era preparado para uma dor aqui ou ali.

Percebi que muitas vezes o remédio da farmácia era deixado de lado em favor dos chás de ervas medicinais.

Muitos vizinhos procuravam por ela para saber se determinada folha servia para tal doença. E ela sempre acertava. Nunca aconteceu de alguém passar mal por causa de uma receita dada por ela. Também faço uso do que aprendi com minha avó. Todo esse conhecimento me foi passado oralmente ao longo dos anos e na prática, quando da preparação destes chás, pude comprovar que fazem efeito na cura de determinados males.

Na presente monografia, relacionei cerca de 50 plantas que recordei, eram usadas pela minha avó, e, a partir delas, procurei verificar junto à outras pessoas que ainda fazem uso de plantas medicinais em Mariana, quais eram as plantas que conheciam, como eram usadas e para que finalidade as usavam. É apenas um pequeno esboço de um estudo sobre o uso de plantas medicinais.

Analisando a introdução da obra de Karl Friedrich Philipp von Martius, intitulada *Flora Brasiliense* pude observar que determinados conceitos utilizados por minha avó estão presentes na referida obra, tais como os que se referem ao preparo dos chás; que as folhas secas são mais apropriadas para o uso, não usar os chás preparados de um dia para outro. etc.

Na primeira parte do trabalho, procurei expor alguns conceitos de "cultura", "cultura popular", "medicina popular" e "medicina alternativa", mais para informar o leitor da complexidade do tema do que para tirar conclusões mais definitivas. Cada um destes temas, se aprofundados, já seriam suficientes para diversas monografias.

2.CULTURA

Segundo Antônio Augusto Arantes "cultura é tudo aquilo que faz o homem conviver dia-a-dia com a sociedade da qual é parte integrante e atuante. É o tomar café, levantar-se cedo todo dia, é o escovar os dentes, enfim pequenas coisas que o homem faz todo dia ao longo de anos e anos"¹.

Nas ciências humanas, o termo é tomado em dois sentidos: subjetivo e objetivo. No sentido subjetivo, demonstra a idéia de um alto grau de desenvolvimento das capacidades de entender as coisas que o homem possui. Nesse sentido, falamos numa pessoa de "vasta cultura", aquela que estendeu seus conhecimentos além dos compartimentos de uma especialização. Essa pessoa seria capaz de elaborar as grandes associações criadoras e formular as

¹ ARANTES, Antônio Augusto. *O que é Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

visões antecipadoras, que abrem novas dimensões para o pensamento humano. Pensa-se ser a cultura o resultado de um esforço constante, principalmente no contato com as fontes dos grandes estudiosos. É o resultado de um esforço constante, que exige disciplina intelectual e que, se não iniciado no período da vida universitária dificilmente irá além de uma falsa cultura de livros, em geral, associada a uma extrema facilidade de entender as coisas. No sentido objetivo, o termo se refere a todo o conjunto de criações pelas quais o espírito humano marcou sua presença na história. Este acervo imenso compreende desde os machados e as gravuras das cavernas pré-históricas, até os computadores eletrônicos e os foguetes espaciais. "Nesse sentido, cultura é um fenômeno essencialmente social, criado pelo grupo, por ele transmitido no tempo de geração a geração, e difundido no espaço, propiciando as condições mais ricas e complexas dos fenômenos de aculturação"². Nesse sentido ainda, todos os povos, mesmo os mais primitivos, tiveram e têm uma cultura, enquanto criaram alguma coisa que tomasse possível sua vida, em grupo. Ainda segundo António Arantes hoje se vê vulgarizada contudo, uma distinção entre civilização e cultura, atribuindo-se conceito de civilização ao conjunto de criações materiais reservando-se o conceito de cultura ao conjunto de manifestações culturais como: crenças, mitos, lendas, religiões, filosofias, sistemas jurídicos, enfim todo o património de idéias de uma época ou de um povo. Um dos fenômenos mais característicos de nossa época parece ser a planetização da cultura, ou seja a extensão da cultura a todos os quadantes do

² Idem, p. 5.

planeta. Sem a destruição dos valores culturais dos diversos povos, assistimos a uma difusão cada vez maior dos padrões culturais criados pela tecnologia moderna e dos comportamentos ditados por estes padrões.

2.1. CULTURA POPULAR

Cultura popular não é um conceito bem definido pelas ciências humanas e especialmente pela Antropologia Social. Seus significados são bastante heterogêneos e variáveis. São pontos de vista e concepções desde a negação de que os fatos por ela identificados contenham alguma forma de saber; até o extremo de atribuir-lhes o papel de resistência contra a dominação de classe.

Sérgio Buarque de Hollanda, conceitua a palavra "cultura" com o seu significado corrente de "saber, estudo, elegância, esmero, evocando os domínios da filosofia das ciências, e das belas-artes"³. Podemos perceber que nas sociedades estratificadas em classes, essas esferas da "cultura", são na verdade, atividade especializada que têm como objetivo a produção de um conhecimento e de um gosto disseminado pelas universidades e academias e são difundidas entre as diversas camadas sociais como os mais belos, mais adequados e também hábitos das classes dominantes. Então, entendemos que ser culto é uma condição que engloba vários atributos como ter razão, ter um bom gosto ou simplesmente "saber ter conhecimento, estar informado"⁴. São valores e concepções variadas vigentes numa sociedade complexa e

³ HOLLANDA. Sérgio Buarque. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 29.

⁴ Idem.

diferenciada. Tais valores e concepções são implementados socialmente, como devesses se tomar os modos de agir e de pensar de todos.

Antônio Augusto Arantes observa, no entanto, que "somos ensinados a ler um modo de vida refinado, civilizado e eficiente, 'culto', porém não conseguimos evitar" que muitos objetos e práticas qualificados de populares, invadam nosso dia-a-dia"⁵. Exemplo disto é samba, frevo, congado, carnaval, procissão, benzimento de quebrante, simpatia, chá de ervas. Diferentes de uma região para outra, convivemos com tudo isso com grande familiaridade. Mas, quando fazemos nossas teorias temos tendência a colocar juntas essas coisas que são tão misturadas e diferentes. E assim não gostamos dessas coisas que qualificamos de ingênuo, de mau gosto, ineficaz, errado, pitoresco tudo aquilo que podemos identificar como "povo". Na verdade estas atitudes em relação a cultura popular resultam em grande medida de uma contradição, resultantes das diferenças sociais que existem na sociedade. Sabemos que há uma enorme diferença de prestígio e de poder entre as profissões, decorrente da idéia generalizada em nossa sociedade de que o trabalho intelectual é superior ao manual. Esta diferença entre "fazer" e "saber", embora falsa é necessária para se manter as classes sociais justificando que uns tenham poder sobre o trabalho de outros. Na sociedade capitalista atual, o que é "popular" é necessariamente associado a um fazer desprovido de saber. Um vasto número de historiadores e autores pensa a "cultura popular" como "folclore", definida como um conjunto de objetos, práticas e concepções consideradas

⁵ ARANTES, Antônio Augusto. *Op. cit.* p. 7.

"tradicionais". Alguns pesquisadores, mais sofisticados concebem estas manifestações culturais tradicionais como sendo resíduo da cultura "cultura" de outras épocas, filtrada ao longo do tempo pelas sucessivas camadas da estratificação social⁶. Câmara Cascudo afirma nesse sentido que "o povo é um clássico que sobrevive"⁷.

Se pensarmos a cultura popular como sinônimo de tradição reafirmamos a idéia de que a sua Idade de Ouro deu-se no passado. Desse ponto de vista, a cultura popular surge como uma outra cultura que contrastando ao saber culto dominante, apresenta-se como totalidade; sendo constituída na verdade com a justaposição de elementos, residuais e fragmentos resistentes a um processo de deterioração. Justificam-se, portanto, os teóricos, as tarefas de seleção, organização e reconstituição da cultura popular que os poderosos da sociedade atribuem a eles mesmos. "O que identificamos e escolhemos como elemento das tradições nacionais é recriado segundo os desejos das elites culturais e com nova roupa é desenvolvido, digerido e devolvido a todos os cidadãos"⁸. É a produção empresarial da arte popular. Porém ao se produzir um espetáculo cortam-se as raízes do que, na verdade é festa, é expressão de vida, sonho e liberdade. Segundo ainda Antônio Augusto Arantes ele pergunta se é possível pensar que povo não tem cultura ou a cultura popular são as nossas tradições. Mas quem é o povo de quem se fala? Imagina-se o povo - massa em contraposição a elite - Por outro lado, essas diversas maneiras de

⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário de Folclore*. São Paulo. USP, 1988, p. 156.

⁷ Idem.

⁸ ARANTES, Antônio Augusto. *Op. cit.* p. 9.

pensar a cultura pressupõem que ela seja passível de cristalização, permanecendo imutável no tempo mesmo que ocorram mudanças na sociedade. Cultura, no entanto, é um processo dinâmico. É possível preservar os objetos, os gestos, as palavras, mas não se consegue evitar a mudança de significado que ocorre no momento em que se altera o contexto em que os eventos culturais são produzidos. É necessário que se pense a cultura no plural e no presente partindo de uma idéia que teima regras e normas definidas e ativas.

Tradicionalmente, tudo o que um homem adquire pelo estudo ou pela experiência do mundo, de modo a realizar-se como pessoa, é cultura. Num sentido mais moderno, tudo aquilo - das praticas materiais, aos hábitos de pensamento — que faz parte de uma sociedade. No sentido mais corrente, um homem culto é aquele que leu muito, que conhece e sabe apreciar as obras de arte, que está informado sobre as questões científicas e em dia com os problemas de seu tempo⁹. Mas a cultura distingue-se da erudição na medida em que exclui a especialização.

O ideal humanista e enciclopedista do século XVII marcou-nos profundamente, fazendo com que o estudo da história, da literatura ou das línguas antigas predominasse por longo tempo em nossa educação. É só agora, ante as exigências de eficácia trazidas pela civilização tecnológica, esse ideal, pelo menos em parte, é posto em questão. O objetivo sincero de uma cultura geral, como se diz hoje em dia, jamais foi dar ao homem condições que lhe

⁹ ARANTES, *Op. cit.* p. 11.

permitted to talk and think about everything, but to help him, in any circumstances to make solid judgments and develop his critical spirit. From the perspective of general culture, the synthesis was ethical.

These observations refer to the deep meaning of the word culture; that is everything that by its activity, the man adds to nature.

As concluded by Antônio Augusto Arantes, "the definitions, very numerous insist on the fact that culture consists in the totality of human experience accumulated and transmitted from generation to generation, or that it represents the set of learned behaviors"¹⁰.

Traditional popular culture, depicts the soul of a people, expressing feelings and aesthetic values that many times influence the more elaborated expressions of the culture of each nation according to Arantes.

There is no universal definition accepted for the term that is generally used to translate the artistic manifestations of peoples, or of some of their social strata.

According to Arantes: "Until the end of the 18th century, the cultured elites considered the expressions of popular culture, whether they were dances, stories, sagas or pieces of handicraft, as products of ignorance and lack of knowledge of sciences and arts, patrimony of the upper class"¹¹. In the beginning of the 19th century, "some scholars began to value certain popular creations such as poetry, in

¹⁰Idem. p. 13.

¹¹ ARANTES, *Op.cil.p.* 16.

qual encontravam um frescor e uma profundidade que contrastava com o formalismo e a rigidez da arte acadêmica" ¹⁷ .

Valorizou-se de forma intensa a linguagem do povo, de onde podemos extrair para a vida uma sabedoria muito especial.

De qualquer modo, os etiólogos modernos chamam de cultura o conjunto de instituições que caracterizam uma sociedade, desde as técnicas artesanais aos ideais éticos, passando pelos costumes, a organização social e política, as ciências e as artes.

¹⁷ Idem, p. 16.

3. MEDICINA POPULAR

A medicina popular surgiu da necessidade do homem de tirar proveito dos recursos naturais e também de usufruir de conhecimentos adquiridos ao longo dos anos e que foram passados de geração a geração.

Todo esse conhecimento foi passado oralmente de pai para filho e assim sucessivamente, e, juntamente com mitos e rituais formaram parte importante das culturas locais.

A medicina popular se confunde com a cultura popular à medida que as pessoas deixam de lado certos costumes e passam a fazer uso dos tradicionais chás caseiros para curar determinadas doenças; chazinlios que a mãe usa com o filho, a dieta que a avó indica à neta que acabou de dar a luz, o raizeiro que manipula raízes de plantas; ou a benzedeira que indica banhos massagens e/ou chás aos clientes que a procuram.

Segundo Oliveira, "a medicina popular está incorporada aos nossos atos concretos vividos cotidianamente. É uma prática que resiste política e culturalmente à medicina acadêmica, confrontando com seus conhecimentos, o seu arsenal de técnicas e a cultura da qual faz parte da medicina erudita"¹³.

A medicina popular é uma prática de cura que oferece respostas concretas aos problemas de doenças e sofrimentos vividos no dia-a-dia. Aproxima e fortalece as relações sociais entre as pessoas, pressupondo ajuda e

¹³ OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é Medicina Popular*. São Paulo: Brasiliense, 198+, p. 7.

solidariedade. Além disso é barata, próxima e acessível. Torna-se uma prática de cura concreta e ao realizar-se, mostra aos médicos, biólogos, enfermeiros, que no campo da saúde não há um único modo de se fazer ciência. "A medicina popular é uma resistência política e cultural às práticas que regulam o comportamento daqueles que acreditam que ciência só se faz na universidade"¹⁴. Como resistência política, a medicina popular é um conjunto de formas de cura e de concepções de vida que se colocam como alternativas àquelas oferecidas pela ciência erudita. Existe e resiste porque os recursos de cura respondem aos interesses e necessidades de alguns setores da nossa população. Se não houvesse eficácia, já teriam sido sufocados pelas outras formas de cura realizadas, em nome da ciência e do saber legítimo. A medicina popular carrega consigo uma definição muito singular que encerra uma verdade: a de que não existe um modo único, original e ideal, válido para todas as pessoas e classes sociais, de criar as suas estratégias de vida, dentre estas as de cuja. Revela que há diversos modos de curar e de criar soluções para os problemas de saúde e aflições, e que ela é um deles. É parte de um processo histórico comum à sociedade brasileira como um todo. Nela podem ser localizadas as diferentes relações de poder existentes, bem como o modo como se expressa o enfrentamento de interesses políticos consolidados nestas relações.

Uma segunda concepção sobre medicina popular que considera as crenças nas doenças, males e mazelas e o modo como enfrenta-los (através de

¹⁴ Idem, p. 9.

garrafadas, chás, benzimentos, rezas, banhos, massagens, suadouros, escaldapés, etc.) é vivida somente pelas populações pobres, iletradas, que moram nas regiões do interior do Brasil. Esta idéia mostra que a medicina popular sobrevive, porque nestas regiões não existe qualquer outro tipo de medicina. "A medicina popular, nesta perspectiva, é vista como sendo um fenômeno de cura composto por traços isolados, confusos e ilógicos. As doenças e a cura, nesta abordagem, são apreendidas como algo distante, exótico e caótico"¹⁵. Destacam-se os diferentes traços culturais identificados na origem da medicina popular (indígena, ibérica, mágica, africana, francesa). Mas esta abordagem não pode explicar aquilo que os sociólogos chamam de determinantes sociais responsáveis pelo seu aparecimento (no campo e na cidade) e pela sua proliferação, nem as diferentes maneiras como a medicina popular se expressa e também a concepção que a população formula sobre como ela resiste enquanto alternativa à medicina acadêmica. A visão preconceituosa, considera a medicina popular como uma prática feita por ignorantes, nega qualquer contribuição que parta desta população para construir novas formas de pensar as doenças e as curas. Não se levam em consideração nem os conhecimentos, nem as necessidades sociais e nem as estratégias de cura criadas pelas pessoas do povo. "Uma terceira maneira de se estudar a medicina popular a tem concebido como um resquício de um passado longínquo, onde somente aqueles que não conhecem a medicina erudita a utilizam"¹⁶. Esta visão

¹⁵ OLIVEIRA, *Op. cit.* p. 14.

¹⁶ idem, p. 15.

considera a medicina popular como uma forma residual, um conjunto de restos, que parece estar a meio caminho da medicina erudita. Esta visão toma claro que a medicina erudita, principalmente a realizada pela Previdência Social, impõe-se sobre a medicina popular, porque a nega como uma ciência fundada sobre um conjunto de conhecimentos, práticas e experiências singulares. "Toda prática de cura que não seja feita em nome da ciência ou apoiada pela mesma pode ser vista como uma cópia, uma reprodução parcial, infiel e imperfeita da ciência"¹⁷. Ainda que esta última concepção seja recente sobre o fenômeno da medicina popular, não consegue mostrar como é que as pessoas, as famílias e os profissionais populares de cura conquistam e preservam, cada vez mais, uma relativa autonomia na sociedade em que vivem. Esta autonomia se traduz na forma de lidar com as suas doenças mais simples e através das suas práticas, diferentes grupos de pessoas e os interesses que eles representam se enfrentam no campo da saúde. Não consegue mostrar qual é a real dimensão de uma cultura oprimida e rejeitada ao se expressar, por exemplo, no campo da saúde. Trazem consigo uma determinada visão de mundo, de valores, de viver e sentir, ou da classe a que pertencem. E mostram diferentes modos de enxergar a realidade social de que são partes. Em outras palavras, estas idéias traduzem quais são as posições sobre os problemas sociais e qual é a visão de mundo que os pesquisadores defendem.

¹⁷Idem, p. 16.

Como uma forma específica de produzir curas, a medicina popular é parte da história concreta de determinados grupos sociais, sobretudo migrantes. Ela se constitui numa das expressões vivas, do ponto de vista político e cultural da sua sobrevivência na cidade e da luta constante entre os dominadores e os dominados.

A medicina popular é um campo amplo de idéias de vida e de valores que possuem um sentido e um significado forte e verdadeiro para aqueles que a utilizam. Ao aumentar as suas práticas de cura e ampliar o conjunto de pessoas que se beneficiam com ela, a medicina popular acaba por acomodar algumas tensões sociais que resultam do modo como se oferece a medicina erudita em nossa sociedade. A medicina popular é uma forma de curar, de baixo custo e fácil acesso. Ela veicula uma determinada visão de mundo, de doença, de organismo e de saúde. Esta visão é próxima ao universo de experiência da população que a consome. Segundo Oliveira, a medicina popular devolve aos seus consumidores a possibilidade de uma relação pessoal e humana de cura. Ao constituir-se como uma prática feita na sua maioria por sujeitos de classe inferior, pessoas humildes do povo, no ato de realizar-se, eles criam e recriam um aspecto importante da cultura popular: o de produzir curas e o de tomar vivas e sólidas as relações entre as pessoas. Ela é formada por um conjunto de práticas de cura que se modificam historicamente. "Entender a medicina popular desta ótica é o mesmo para pensar a sociedade na qual se realiza. No interior das diversas medicinas populares existem várias concepções de

doenças e de profissionais de cura, bem como uma multiplicidade de práticas que espelham um mundo rico e complexo"¹⁸. Estas práticas são revestidas de inúmeras formas, apresentando uma infinidade de significados, isto é, são caracterizadas por uma mistura de recursos e usos. Assim: "Somente vistas enquanto parte de um processo histórico-social — que é comum à sociedade brasileira como um todo — é que podemos captar os seus movimentos de transformação e de recriação"¹⁹. Por serem práticas sociais, nascidas no meio de relações entre os homens, feitas por eles e como respostas às suas necessidades, elas são permanentemente atualizadas.

Como parte de uma cultura originalmente rural e católica, a medicina popular é deslocada do campo para as cidades juntamente com a migração do homem do campo para a cidade. E o seu poder de recriação na cidade é também a relativa autonomia que estas medicinas populares possuem na nossa sociedade.

Nas sociedades camponesas através de seu trabalho de subsistência o homem plantava para comer e dar de comer a seus filhos. Ao fecundar a terra, ele se apropriava de seus recursos e seus benefícios, que democraticamente eram repartidos, desfrutados, transformados e trocados entre a comunidade. Juntamente com seus compadres, suas comadres, o homem do campo tinha uma vida intensa, plena, na mais estreita solidariedade. A sobrevivência material garantia a sobrevivência cultural. Criavam as suas estratégias de cura

¹⁸ OLIVEIRA, *Op. cit.*. p. 17.

¹⁹ *Idem.* p. 18.

por meio de uma ciência popular. Nas comunidades rurais, de um modo ou de outro, as plantas eram classificadas e selecionadas para as doenças e sintomas mais comuns que os lavradores conheciam, como para a gripe, dor de barriga, "nervoso". Alguns ervateiros e raizeiros preparavam garrafadas, cuidavam de ferimentos e mordeduras de cobras e outros animais. "Era uma medicina criada como resposta às suas necessidades concretas de doença e sofrimentos"²⁰. Esta medicina caseira constituía-se num dos fortes elementos de afirmação cultural desta população rural. Esta era uma medicina muito peculiar. Uma medicina produzida pelas próprias mãos dos homens rurais. "Tampouco prestava-se a dilacerar a sua saúde e seu corpo para fazê-los voltar a produção, como faz a medicina erudita na cidade"²¹.

A medicina popular como um conjunto de práticas sociais de cura desenvolvidas dentro da cultura popular, encontra-se em permanente confronto com a medicina e religiões oficiais.

Às medicinas populares são, no contexto urbano atual, uma resistência política à medicina exercida pela Previdência Social, empresas médicas privadas e outras agências. E estão às margens da sociedade. Num certo sentido competem com a medicina oficial. A medicina popular possui lógica particular, formas específicas de atuação, utilidade e validade. Medicinas populares veiculam diferentes sistemas de classificação de doenças e de fenómenos orgânicos. "A legitimidade encontrada para as medicinas populares

^M Ideio, p. 22.

²¹ Ideiu.

é também a sua experiência de solidariedade, concebida como um prolongamento da experiência de vida no campo feita por seus praticantes"²². As medicinas populares não convivem apenas com os serviços oficiais da medicina, práticas alternativas voltadas à cura do corpo e da alma também se fazem presentes.

Em todas as épocas e em todas as culturas, o homem aprendeu a tirar" proveito dos recursos naturais locais. Ao longo dos anos, alguns observadores mais atentos devem ter percebido que uma erva capaz de induzir sonolência seria também capaz de acalmar, se usada em doses menores. Plantas cujos frutos usualmente tinham efeito laxante, poderiam ser usadas com economia para regular um intestino preguiçoso. Todo esse conhecimento foi passado oralmente ao longo dos anos de geração a geração, e juntamente com mitos e rituais, formaram parte importante das culturas locais.

3.1. MEDICINA ALTERNATIVA

Não podemos entender a medicina e suas alternativas se as examinarmos separadamente da sociedade que a sustenta e transforma. A medicina é um pedaço do mundo dos homens. O povo não confia o suficiente na medicina oficial aprendida nas escolas médicas. Existe um mal-estar na medicina. Ela não está satisfazendo as necessidades das pessoas. Por isso se buscam

²² OLIVEIRA, *Op. cit.* p. 30.

alternativas. "É no mundo e na história dos homens que se localizam a saúde, a doença e as várias formas de fazer medicina"²³.

Em 1563 os portugueses trouxeram à Bahia epidemia de varíola que matou milhares e pessoas e também o Brasil conheceu a sífilis, uma doença venérea muito perigosa. Atingia quase toda a nossa população nos séculos XVI e XVII. Estes Senhores de Engenho trouxeram a sífilis e a espalharam entre os negros em tal grau que o povo não mais considerava as manchas na pele - sinais de sífilis - como uma coisa vergonhosa. Como diz Alan Índio "ser sífilítico era sinal de ser macho, femeeiro, deflorador de negrinhas"²⁴. Em 1677 foi escrito o primeiro livro de medicina brasileira, *Medicina e Saúde Pública no Brasil*. Serrano não faz referências sobre o autor. Em 1685 uma epidemia de febre amarela matou duas mil pessoas em Recife e Olinda. Os médicos da Coroa nada fizeram. Foi um político, o marquês de Montebelo, quem promoveu uma campanha de higiene, treinando os "bandos de saúde". Estes bandos fiscalizavam e limpavam a cidade, diminuindo a contaminação. O povo ficava abandonado, buscando suas alternativas. "Os primeiros médicos se defrontavam, então, com a feitiçaria negra africana, a pagelança indígena e a medicina popular desenvolvida pelos práticos, pelos jesuítas e pelos fazendeiros. Às plantas medicinais indígenas os brasileiros somavam outras, cujas sementes foram trazidas da Europa e da África"²⁵. A dominação

²³ SERRANO, Alan Índio. *O que é Medicina Alternativa*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 3.

²⁴ Idem, p. 17.

²⁵ MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*. São Paulo: Ed. Nacional, p. 13.

- -

econômica, para ser forte, precisava fazer uma dominação cultural. A medicina popular sobreviveu, portanto, como uma coisa marginal. Manteve-se mais nas regiões agrícolas.

Nas culturas tradicionais é o princípio da analogia que explica a relação entre cor, gosto etc. A medicina popular é o contrário da medicina clínica: ela não nega o que não pode explicar. "Ao acercar-se do paciente, o médico de 1750 perguntava: '- O que é que você tem?'. A pergunta do médico gradualmente foi sendo substituída por '- Onde lhe dói?'. A partir desta mudança do interesse médico os sintomas passaram a significar a doença"²⁶. A medicina passa a ser ciência adequada às ciências da época.

Segundo Serrano "a doença, a partir do final do século XVIII, para a medicina oficial, não é mais procurada na alma do indivíduo ou nas forças sobrenaturais . ela é procurada no corpo"²⁷. A clínica é, pois, a tentativa de vencer o pensamento mágico e religioso sobre a doença. Mas a doença nem sempre é vista pela observação do corpo. O médico de hospital só vê doenças distorcidas, em fases adiantadas. Para Serrano a medicina à domicílio exigia uma ação médica conservadora, de espera, de cuidado, sem interferir muito na doença. Sem mudar a natureza. Nascer, viver, adoecer e morrer é a lei natural da vida.

A cultura e a medicina populares nos mostram que não falta criatividade ao brasileiro. As potencialidades de nosso povo têm sido contidas por

²⁶ SERRANO, O/;. *cit.* p. 21.

²⁷ *Idem*, p. 7.

interesses econômicos poderosos. Mesmo dentro de órgãos do governo e de instituições de renome se formaram e se mantiveram idéias comprometidas com a necessidades populares. A nossa flora medicinal precisa ser melhor pesquisada pela CEME (Central de Medicamentos do Governo Federal) e pelas universidades. A medicina popular, o emprego de remédios de origem vegetal e a homeopatia já estão merecendo melhor atenção por parte das escolas médicas. "A explosão entusiástica da homeopatia, da acupuntura, da fitoterapia e de outras práticas ditas alternativas"²⁸ se dá por um só motivo: nestas práticas o paciente tem voz. Nelas, o discurso do doente não é só tolerado: ele passa a ser fundamental. Quem busca estas alternativas está descontente com o frio, o silêncio e talvez até com a brutalidade do atendimento médico comum"²⁹. A boa relação entre médico e paciente alivia e cura. Esta boa relação não é propriedade da homeopatia ou de qualquer outra prática. A maioria das pessoas que entram num consultório vem com queixas psicossomáticas ou com queixas puramente emocionais. Precisamos deixar de lado a idéia ultrapassada do dualismo. Não há limite entre mente e corpo, entre psíquico e orgânico. O indivíduo é o que é porque está integrado e interage com sua sociedade, com a história, com seu ambiente físico. "No contato com o indivíduo, a medicina será coerente com as necessidades o paciente se o

²⁸ SERRANO, ()p. cil. p. 13.

²⁹ Idem, p. 9.

médico tiver uma visão mais integral, se ele abandonar o conceito de doença 'unicausal'³⁰.

Para Serrano a clínica de hoje é o pensamento médico do século passado, com um brilho tecnológico. A escola faz o médico evoluir até ali e evita que ele o ultrapasse. Saúde é social e historicamente determinada. E a medicina também. De acordo com Serrano não se sabe como será a medicina do futuro. Mas temos algumas alternativas para os dias atuais. Não podemos imaginar que a medicina seja uma ciência neutra, alheia ao povo e a seus conflitos e aos sofrimentos coletivos. Pode-se evitar e denunciar o controle social e a criação da mentalidade consumista. São "alternativas" as práticas que se batem por uma medicina democrática, pedagógica, comprometida com o povo e não com o capital. São alternativas as práticas que se transformaram em canais de educação emancipadora. A medicina precisa ajudar a melhorar a vida, a mudar mentalidades. A medicina tem de ser ação social para a liberdade. "A maior alternativa para a medicina moderna é a de ajudar na construção de uma sociedade justa"³¹.

Com o início da industrialização e conseqüente urbanização do país, o conhecimento tradicional passou a ser posto em segundo plano. Aqui em Mariana, eu penso que isto aconteceu mais vagarosamente, pois antes havia apenas duas farmácias: a do Sr^o Amâncio Arinos de Queiroz e a do Sr^o Geraldo Carneiro. A população de baixa renda sempre buscava alívio para

³⁰klein,p. 11.

³¹ Idem.

seus males nas plantas medicinais. "Muitas vezes se pensou que esse gosto pela flora medicinal fosse sinônimo de atraso tecnológico e também chariatanismo"³².

Eu mesma, uso chás variados para que meus filhos curassem alguma gripe, dor de barriga, de cabeça etc. Um segundo aspecto que certamente contribui para o afastamento do estudo das plantas medicinais e o restante da ciência foi a ampla resistência desta primeira as profundas alterações que tanto a sistemática vegetal quanto a medicina experimentaram no final do século XIX e todo o século XX. Fortemente baseado em trabalhos mais profundos, o estudo das plantas medicinais mostiou uma resistência inicial a acompanhar as grandes revoluções científicas ocorridas neste período. Essa inadequação inicial manteve a medicina popular em um período de esquecimento, onde esteve mais próxima do misticismo que da ciência. "As novas tendências do planeta terra é de uma preocupação com a biodiversidade e as idéias de desenvolvimento sustentável trouxeram novos ares ao estudo das plantas medicinais brasileiras, que acabaram despertando novamente um interesse geral na medicina popular. Surgiam novas linhas de pesquisa em universidades brasileiras, algumas delas buscando bases mais sólidas para a validação científica do uso de plantas medicinais"³³. A busca de novos remédios advindos de plantas também acabou fazendo renascer a pesquisa botânica no Brasil, que vislumbrou no seu uso farmacológico, uma ótima

³² MARTIUS, *Op. cit.* p. 18.

³³ SERRANO, *Op. cit.* p. 32.

justificativa para intensificar seus trabalhos. Como já ocorreu nos primórdios das duas ciências, medicina popular e a botânica podem voltar a ser aliadas e a cooperar para a melhoria da qualidade de vida do povo brasileiro. "No Brasil, especialmente no Nordeste e região Amazônica a maioria das plantas medicinais é utilizada na forma de planta fresca, colhida pelo próprio consumidor ou como plantas secas empacotadas ou ainda, adquiridas a granel no comércio"³⁴. Isto é comum também em Minas Gerais. Geralmente encontra-se grande variedade de plantas secas no Mercado Central de Belo Horizonte, e em bancas de camelos espalhados pelo centro da cidade ou mesmo em farmácias como a Dom Bosco, em Mariana. No caso das plantas frescas seu controle de qualidade depende de consegui-las em pequenas hortas caseiras ou comunitárias enquanto as plantas secas, estas usadas em maior escala, podem ser conseguidos em pequenos pacotes produzidos pela indústria de chás, embora em sua maioria, sejam adquiridas pelo povo nos raizeiros populares que as comercializam em feiras e mercados. Neste caso a qualidade do material só pode ser garantida com base no conhecimento do vendedor que varia, desde o que se espera de um simples homem do campo até o conhecimento acumulado ao longo do tempo por um raizeiro verdadeiramente tradicional. Neste último caso, sua formação representa a cultura repassada de geração a geração, mas no primeiro caso, na maioria das vezes não passa de uma mera forma de garantir a sobrevivência sem base na experiência tradicional. Por outro lado, a intensificação do uso correto das plantas

³⁴Idem, p. 33.

medicinais é necessária, como uma forma de atender às recomendações da Organização Mundial de Saúde, relativas ao aproveitamento dessas plantas nos programas de saúde pública, feitas com o objetivo de se alcançar saúde para todos, como a grande meta das nações do terceiro mundo. Para alcançar o desenvolvimento necessário a fim de atingir a citada meta, será preciso aplicar no país métodos apropriados pois, a falta de uma política oficial de adequação da uso de plantas medicinais, sujeita o consumidor a riscos cujas consequências podem ser muito graves, chamando a atenção para o perigo do seu emprego inadequado. A melhor forma para efetuar o controle de qualidade dos produtos de plantas medicinais usados pela população é assegurar uma correta seqüência de operações definidas para o uso das mesmas e que permitirão à pessoa uma eficácia completa.

4. MEMÓRIAS DA MEDICINA POPULAR, EM MARIANA

Para a realização desta pesquisa sobre as plantas medicinais em Mariana eu optei por utilizar a história oral e entrevistei sete pessoas, com idades variadas. Inicialmente perguntei quais eram as plantas que elas utilizavam, como, quando e com quem aprenderam a usar as plantas. Como podemos verificar abaixo, as respostas foram totalmente insatisfatórias, uma vez que foram citadas poucas plantas. Num segundo momento, para facilitar a sua memória, arrolei uma lista de cerca de 50 plantas que eu aprendi a usar com a minha avó e o resultado foi totalmente diferente.

1. Iniciei as entrevistas com Maria das Graças Santos, funcionária pública, 53 anos nascida no distrito de Pinheiros Altos, município de Piranga.. Eu perguntei para ela que ervas conhecia, como e com quem aprendeu a usar, se funciona mesmo e a época apropriada para coleta. Ela me respondeu que conhece hortelã para dor de barriga (verminose), folha de laranjeira (calmante), camomila para dor de cabeça, o mesmo acontecendo com a marcela.

Continuando a conversa, entendi que o modo de usar as ervas citadas por ela era o mesmo da minha avó, ou seja, escaldando a folha em água fervente. Perguntei a ela se funcionava mesmo e ela me respondeu que sim, em casos leves.

Quanto à época apropriada para coleta, segundo a entrevistada, ela acha que quase toda planta tem sua época variando de acordo com cada planta. Aprendeu a usar as mesmas ao ver sua mãe e avó prepararem os chás.

2. Maria das Dores Zacarias, 60 anos, funcionária pública, nascida em Monsenhor Horta, distrito de Mariana. Disse conhecer e usar hortelã, mamona, erva-cidreira, guaco. É o que ela lembrou de imediato.

Aprendeu ao ver sua mãe e outros parentes identificados por ela (como tia, madrinha, avós) fazerem o uso dos chás quando estavam doentes e sempre ouvindo comentário de que, por exemplo, hortelã é um ótimo remédio para as vias digestivas, vômitos e cólicas uterinas.

A mamona é diurético e anti-reumático, porém não se pode tomar o chá, deve-se fazer só banhos e escalda pés, por ser a mesma tóxica. Erva cidreira empregada por ela nos casos de afecções gástricas, dores de cabeça, tosse, etc. Guaco é empregado nos casos de febre e reumatismo.

Disse que os citados chás funcionavam mesmo e na maioria das vezes substituem o uso dos remédios vendidos nas farmácias. O modo de usar é o mesmo, o mais comum. Escaldando em água fervente, adoçados com mel ou açúcar comum. Sempre fazer a quantidade para usar e nunca deixar na geladeira, pois segundo ela, "perde o efeito". Como são ervas que dão o ano inteiro não há necessidade de armazenamento.

3. Angela Maria Costa, 56 anos, nascida em Mariana, funcionária pública. Disse que conhece lavadeira, boldo, hortelã, losna, bálsamo, alecrim, erva

terrestre, funcho, artimijo. Afirmou que lavadeira, losna e boldo servem para males do estômago, fígado e dor de cabeça; alecrim funciona para pressão alta, erva terrestre alivia os males da gripe e o funcho é um ótimo calmante. Já o artemijo tem funções abortivas se usado com cachaça e canela.

Aprendeu a fazer uso dos chás com sua mãe e avó e mais tarde, ao prepará-lo para os filhos e marido.

Diz que funciona mesmo para os diversos males citados por ela, sem ter a necessidade de uso de remédio das farmácias. Segundo ela, *não* há época apropriada para coleta. Deve-se fazer uso das folhas frescas, em bom estado, plantas bem desenvolvidas sem marcas de pragas e/ou doenças.

4. Ilda Bento Diniz, 73 anos, dona-de-casa, natural de Mariana, disse ter aprendido ao ouvir suas avós comentarem entre si sobre os chás caseiros e sempre que precisava punha a memória para funcionar. Já preparou para seus filhos chá de hortelã para dor de barriga, boldo para problemas do fígado e estômago que ocasionam dor de cabeça, erva-doce para gases intestinais.

Entre um informe e outro, D. Ilda afirmou serem os chás eficientes para aquela doença que a pessoa estava sentindo e nunca, em hipótese nenhuma lembra que os mesmos possam ter causado efeito contrário ao esperado por ela. Para ela, não existe época apropriada para coleta, pois podem ser colhidas o ano inteiro desde que estejam em bom estado, sem pragas e/ou doenças. Podem ser cultivadas na horta junto com as verduras, com bastante esterco e regando sempre.

5. Maria Perpétua, 62 anos, professora aposentada, natural do Rio de Janeiro. Disse-me ter uma longa experiência de utilização de variada quantidade de ervas medicinais. Usa sempre que precisa, hortelã para dor de barriga, boldo para males do fígado e estômago, folha de chuchu para pressão alta, funcho e folha de maracujá para insônia porque atua como calmante (somente frio) e poejo contra gripe e tosse. Relatou-me que aprendeu a usar as ervas medicinais com sua mãe e tias e guarda na memória tudo que via e ouvia as mesmas falarem e fazerem. Prefere, muitas vezes, usar os chás ao invés de procurar as farmácias para comprar remédios. Só o faz quando o caso chega ao extremo.

Funciona e muito mesmo. Não faz efeito contrário se usadas adequadamente, sem exagero. Costuma plantar as ervas na sua pequena horta e mantém as mesmas sempre bem cuidadas para poder colhe-las sempre que necessário.

6. Maria José, 64 anos, dona-de-casa, natural de Mariana. Usa diariamente "pata de vaca" para controlar o diabetes, pois só a insulina não faz o efeito desejado. Além disso, percebe que determinadas ervas medicinais são mais eficazes que o próprio remédio da farmácia. Aprendeu a fazer uso de várias plantas com sua mãe e avó, apenas ouvindo-as comentar entre si sobre determinado chá busca na memória sempre que precisa do auxílio de algum chá para alguém em sua casa.

Mantém em sua horta algumas plantas e quando não encontra vai até o Mercado Central em Belo Horizonte onde pode adquiri-las já secas. Para ela, não existe época apropriada para coleta das mesmas, uma vez que no Brasil, por causa do clima tropical, as plantas dão o ano inteiro.

7. A última entrevista foi feita com Maria Elena, de 44 anos, de Santa Rita Durão, distrito de Mariana. Ela aprendeu as artes do chá com sua mãe e suas avós. Faz uso de várias ervas medicinais como: "cuculiaria", quebra-pedra, boldo, carqueja, erva-cidreira, saião, picão, malva, funcho, mal-me-quer, lavadeira, lágrima de nossa senhora, entre outras.

Aprendeu a utilizá-las fazendo seus próprios experimentos como ela disse: "fazendo os chás e tomando". Afirmou funcionar para ela mesma. Segundo Maria Elena, não existe época apropriada para coleta, "não que eu saiba".

Ao término das entrevistas percebi que a memória das pessoas quanto às plantas medicinais está um pouco falha, visto que elas citaram poucas plantas.

A partir, daí, resolvi mudar a estratégia e fiz a listagem com mais ou menos 50 plantas conhecidas por mim e apresentei-a a uma aluna minha da Escola Municipal Wilson Pimenta Ferreira, a Edileia Aparecida de Oliveira, de 27 anos, funcionária pública, natural de Mariana, casada e mãe de três filhos. Após analisar a referida lista ela disse-me de imediato que conhece e usa todas as plantas ali citadas sempre que necessário. A partir do que eu conlieço sobre ervas medicinais e que aprendi ao longo dos anos, preparei uma relação com

algumas plantas com o nome popular e científico e para que tipo de doença serve que apresento a seguir.

4.1. RELAÇÕES DE PLANTAS

Nome Popular	Nome Científico	Serve Para Que?
Boldo	<i>Vernonia condensata</i>	analgésico, males do fígado e vesícula
Lavadeira	<i>Leonurus sibiricus</i>	Circulação, tosse, bronquite
Chapéu de Couro	<i>Echinodorus grandiflorus</i>	diurético, depurativo
Costa Branca	<i>Não identifiquei</i>	reumatismo
Cavalinha do Brejo	<i>Equisetum giganteum</i>	Gonorréia, diarreia, rins, bexiga
Erva Cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	gripes, bronquites, intestinos
Folha de Laranja	<i>Citrus aurantium</i>	expectorante, diurética, coração
Flor de mamão	<i>Carica papaya</i>	tosse, bronquite
Mal-me-quer	<i>Calendula officinalis</i>	Estômago, gripe
Transagem	<i>Plantago major</i>	problemas do útero
Mangerona	<i>Origanum vulgare</i>	analgésico, cólicas menstruais
Flor de Limão	<i>Citrus limon</i>	diurética, febre, gripe, gota
Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i>	febre, sarampo, gripe
Raiz de quiabo	<i>Hibiscus sabdariffa</i>	febre, rins, estômago
Alecrim da Horta	<i>Rosmarinus officinalis</i>	má digestão, pressão alta, dor de cabeça
Poejo	<i>Mentha pulegium</i>	Bronquite, coqueluche, pele
Alevante	<i>Não identifiquei</i>	Gripe, resfriado
Erva Terrestre	<i>Não identifiquei</i>	Tosse, gripe

Folha de dipirona	<i>Achillea millefolium</i>	gripe, febre, anti-inflamatório
Folha de novalgina	<i>Achillea millefolium</i>	gripe, febre, anti-inflamatório
Carqueja	<i>Baccharis trimera</i>	males do fígado, contra caspa
Hortelã	<i>Mentha arvensis</i>	gripe, dor de barriga, vermes
Marcela	<i>Achyrocline satureioides</i>	diarreia, disenterias, digestivo
Poraiigaba	<i>Cordia ecalyculata</i>	reduzidor de apetite, diurético
Seni	<i>Senna occidentalis</i>	fígado, manchas na pele
Alface	<i>Lactuca saliva</i>	laxante, reumatismo, diurética
Caroço de abacate	<i>Persea americana</i>	ácido úrico, reumatismo
Salsa	<i>Petroselinum crispum</i>	Bronquite, asma, útero, sono
Couve	<i>Não identifiquei</i>	anemia
Tenamicina	<i>Alternanthera brasiliana</i>	fígado, bexiga
Bardana	<i>Arctium minus</i>	depurativo, estômago, rins
Baço	<i>Não identifiquei</i>	Males do estômago
Camomila	<i>Tanacetum parthenium</i>	dor de cabeça, diarreia
Arnica	<i>Solidago chilensis</i>	dores em geral (contusões)
Pau-de-para-tudo	<i>Pfaffia paniculata</i>	tônico rejuvenescedor
São Caetano	<i>Momordica charantia</i>	febre, vermes, reumatismo
Urucum	<i>Bischofia ore/lana</i>	coração, asma, gripe, coqueluche
Quebra pedra	<i>Phyllanthus niruri</i>	Rins
Santa Maria	<i>Chenopodium ambrosioides</i>	vermes, dor de barriga

Folha de Maracujá	<i>Passiflora incarnata</i>	sedativo, dor de cabeça
Manjeriçao	<i>Ocimum basilicum</i>	tosse, gripe, bronquite
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i>	rouquidão, inflamação da garganta
Folha de Mexerica	<i>Citrus aurantium</i>	expectorante, diurética, coração
Losna	<i>Artemisia absinthium</i>	dor de cabeça, inales do fígado
Cipó	<i>Não identifiquei</i>	pneumonia
Enxota	<i>Não identifiquei</i>	Entorses, contusões
Folha de Carambola	<i>Averrhoa carambola</i>	estimulante do apetite, desinteria, febre
Folha de Insulina	<i>Cissus verlicillata</i>	taquicardia, pressão alta
Folha de pé-de-galinha	<i>Não identifiquei</i>	gripe
Artemígio	<i>Artemisia vulgaris</i>	cólicas menstruais
Sálvia	<i>Salvia officinalis</i>	gota, bronquite, menopausa
Romã	<i>Punica granatum</i>	gargarejo para a garganta
Picão	<i>Bidens pilosa</i>	febres, hepatite, laringite
Funcho	<i>Folciculum vulgare</i>	gases, cólicas
Eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i>	gripe, sinusite
Agrião	<i>Nasturtium officinale</i>	anemia, diabetes, gripe, bronquite

Notei que, ao deixar as pessoas falarem espontaneamente sobre as plantas medicinais que elas conheciam, ficaram presas àquelas usadas e/ou usadas diariamente. Também porque uma e outra planta acaba servindo para varias doenças; além do mais, as mais conhecidas, foram citadas por todas as pessoas entrevistadas havendo ai uma repetição de nomes.

Por esse motivo, resolvi como já disse anteriormente, mudar a metodologia de trabalho e fiz uma pesquisa orientada. Apresentei uma relação de mais ou menos cinqüenta plantas que eu conheço, para as mesmas pessoas que já haviam participado das entrevistas anteriores.

O resultado foi bem diferente e mais satisfatório, pois elas lembraram de um número bem maior de plantas o que vem reforçar a minha conclusão: que quando estimulada, a memória volta de um modo bem especial nas pessoas.

O resultado da pesquisa, posso dizer, 'estimulada" foi o seguinte:

Das sete pessoas entrevistadas, duas (um terço das pessoas entrevistadas) disseram conhecer todas as plantas e as demais conheciam entre 47 e 49 das plantas apresentadas e seus usos. O resultado, portanto, mudou completamente.

5. CONCLUSÃO

Pelas entrevistas, podemos perceber que na medicina popular são usados chás, xaropes, pomadas e outros remédios confeccionados à moda caseira com ervas medicinais.

Tenha o nome que tiver (medicina natural, medicina popular, mezinhas) está ocorrendo uma intensa reavaliação das virtudes da flora brasileira. O principal argumento usado é o de que "se não cura, mal não faz", como diziam as pessoas mais idosas antigamente.

Como afirma Harri Lorenti, "o emprego de plantas medicinais na recuperação da saúde tem evoluído ao longo dos tempos desde as formas mais simples de tratamento local, que penso terem sido utilizados desde os tempos mais remotos até as formas sofisticadas de fabricação industrial, que são utilizadas pelo homem atualmente"³⁵.

O homem percebeu que há algo que cura no uso das plantas medicinais, seja administrado sob a forma de mistura como nos chás caseiros ou sob a forma de comprimidos, gotas, xaropes. As plantas medicinais tem a propriedade de provocar reações benéficas ao organismo, resultando na recuperação da saúde. É o que chamam de poder de cura das plantas medicinais. De um modo geral, as ervas podem ser usadas tanto na forma de

³⁵ LORENTI, Harri. *Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas cultivadas*. São Paulo: Nova Odessa, 2002.

chás caseiros ou na forma transformada da indústria farmacêutica. As plantas medicinais quando bem escolhidas e usadas corretamente, só diferem do medicamento industrial apenas pela embalagem e pelas substâncias que são misturadas para efeito de conservação.

Ao pesquisar sobre plantas medicinais na Internet, observei que a Organização Mundial de Saúde (OMS), visando diminuir o número de pessoas excluídas dos sistemas de saúde pública, fazem aos órgãos de cada país que são responsáveis pela saúde, algumas recomendações básicas. Primeiramente, fazer o levantamento das plantas usadas na medicina popular tradicional de cada região, fazendo a identificação dentro da botânica. Estimulando o uso daquelas plantas que já tiveram eficácia e segurança comprovadas. Em seguida, desaconselhar o uso de práticas medicinais populares que sejam consideradas inúteis ou que tragam prejuízo à saúde da população. E, finalmente, aconselha o desenvolvimento de programas que possam estimular o cultivo de plantas medicinais selecionadas com segurança e qualidade.

Para que isto seja possível, é necessário conhecer bem as plantas medicinais da região; repensar os conceitos de saúde e doença e dos tratamentos que são passados de geração a geração, oralmente ou não, juntamente com a preparação dos chás em nossa casa. E, através do contato com a riqueza e a diversidade da cultura popular, podemos exigir de nós mesmos uma maior abertura para o uso das plantas medicinais.

Nos dias de hoje quando temos a diversidade da tecnologia ao nosso alcance como as casas pré-fabricadas, roupas sintéticas etc, desejamos voltar a ter um modo de vida mais natural. Esse desejo de colocar a natureza de volta em nossas vidas se aplica particularmente a duas preocupações modernas: tornar-se saudável e manter-se saudável.

Por milhares de anos as pessoas reconeram às plantas para tratar doenças e amenizar dores e incômodos. As mesmas ervas, árvores e arbustos empregados pelos povos antigos continuaram a ser valorizados através dos tempos. Mas, embora as pessoas soubessem que certas plantas tinham indiscutível poder curativo, elas não podiam explicar como os poderes medicinais das plantas atuavam. Hoje nós entendemos muito dos princípios físicos e químicos que contribuem para as propriedades medicinais das plantas.

Em relação às entrevistas pode-se concluir que o uso de ervas medicinais é muito maior do que se pode imaginar num primeiro momento; o que pude notar ao mudar o método de abordagem dos entrevistados.

As informações contidas neste pequeno trabalho, procuram servir apenas como uma referência para os leitores. Não pretendem em hipótese alguma, substituir os conselhos de um médico, nem induzir as pessoas à auto-medicação. Lembro ainda que qualquer pessoa com sintomas continuados de alguma doença, ainda que aparentem de pouca importância, devem consultar um médico. O leitor deste, deve estar ciente de que qualquer substância

vegetal, se usada como alimento ou remédio, externa ou internamente, sem conhecimento das suas propriedades e para que serve, pode causar problemas.

6.BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Antônio Augusto. *O que é Cultura Popular*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANCIAN, Atílio. *As plantas mágicas - Botânica Oculta*. São Paulo: Hemus Livraria Editora Ltda, 1976.

LORENTI, Hani. *Plantas Medicinais no Brasil: Nativas e Exóticas Cultivadas*. São Paulo: Nova Odessa, 2002.

MARTIUS, Karl Friedricli Philipp von. *Flora Brasilienses*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

_____. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é Medicina Popular*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SERRANO, Alan Índio. *O que é Medicina Alternativa*. São Paulo: Brasiliense, 1983.